

A formação dos seminaristas para a cultura digital

Lucio Adrián Ruiz

Cadernos de Estudo OLS N.º 009 | Novembro de 2025



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

A formação dos seminaristas para a cultura digital

Lucio Adrián Ruiz



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

Cadernos de Estudo OLS N.º 009 | Novembro de 2025

Cadernos de Estudo OLS • N.º 010 • Dezembro de 2025

ISBN: 978-9915-9843-1-5

Título original: *La formación de los seminaristas para la cultura digital*

* * *

Conselho Observatório Latino-Americano da Sinodalidade

Agenor Brighenti

Silvia Cáceres

Moema Miranda

Alejandro Ortiz

Carlos Schickendantz

Autor

Lucio Adrián Ruiz

Direção editorial

Óscar Elizalde Prada

Rosario Hermano

Tradução

Marcus Tullius Oliveira Neto

Projeto gráfico

Giovanny Pinzón Salamanca

Design e diagramação

Milton Ruiz Clavijo

Capa

Milton Ruiz Clavijo

© 2025, Observatório Latino-Americano da Sinodalidade

Juana de Arco 3324 – CEP 11700

Montevideu – Uruguai.

Telefone: (598) 99 177 138

E-mail: observatoriosinodalidad@gmail.com

www.observatoriosinodalidad.org

O Observatório Latino-Americano da Sinodalidade é liderado pela Fundação Amerindia e conta com o apoio da Porticus. Esta publicação pode ser reproduzida citando a fonte.

O Papa Francisco impulsionou a Igreja a “sair” e a não ter medo. Essa mesma característica deve marcar a formação dos seminaristas: um impulso missionário, que caracteriza uma Igreja apaixonada e fiel, uma missão que sai, que busca, que ‘misericórdia’ a história. O que podemos acrescentar a isso? A visão missionária, conforme apresentada no Sínodo, com escuta e discernimento.

A missão e a evangelização nos ambientes digitais remontam ao próprio início da era digital. É necessário deixar de ver o digital apenas como um instrumento e passar a concebê-lo como uma cultura a ser habitada, pois os instrumentos são utilizados, mas a cultura é evangelizada e missionada.

A formação dos seminaristas para a cultura digital

*Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo,
para que os costumes, os estilos, os horários,
a linguagem e toda a estrutura eclesial
se tornem um canal proporcionado
mais à evangelização do mundo actual
que à auto-preservação.
(Evangelii gaudium, 27).*

Introdução

A missão e a evangelização nos ambientes digitais remontam ao próprio início da era digital. Esse fenômeno não surpreende, considerando a capacidade que a Igreja tem de caminhar dentro da cultura e seu desejo de sempre continuar ‘encarnando’ o Verbo.

Prova disso, no campo da comunicação, está na própria Santa Sé. Por exemplo, a Tipografia Vaticana tem quase 500 anos de existência, surgindo pouco depois de Gutenberg; a Rádio Vaticana,

com quase 100 anos, nasceu com Marconi, o criador do rádio no mundo; a internet chegou ao Vaticano em 1992, no mesmo período em que a *World Wide Web* surgiu no mundo; e hoje, a Igreja acompanha o avanço da Inteligência Artificial, ocupando seu espaço junto aos grandes que a desenvolvem. A Igreja nem sempre tem a melhor implementação, mas compreende a cultura.

Por isso, ao pensar na missão e evangelização digital e na consequente formação dos futuros pastores, é fundamental situar essa questão dentro do contexto cultural e considerar as implicações que isso exige.

Se analisarmos a *Ratio*¹ atual, podemos encontrar algumas diretrizes importantes que pavimentam o caminho para o passo que somos chamados a dar hoje. Vejamos alguns pontos:

- “A realidade atual nos obriga a repensar as palavras de Jesus de uma nova maneira, pois os ‘confins da terra’ se expandiram pelos meios de comunicação de massa e das redes sociais” (n.º 97).
- “Trata-se de uma nova ‘ágora’, uma praça pública e aberta, da qual os futuros pastores não podem ficar excluídos, nem em sua formação nem em seu futuro ministério” (n.º 97).
- “O uso dos meios de comunicação e a aproximação ao mundo digital fazem parte integrante do desenvolvimento da personalidade do seminarista” (n.º 97).
- “Esses são novos ‘lugares’ onde muitas pessoas circulam diariamente, ‘periferias digitais’ onde não pode faltar a proposta de uma autêntica cultura do encontro” (n.º 98).
- “Aqueles que ingressam no seminário já estão naturalmen-

te habituados e, em certa medida, imersos na realidade digital e em suas ferramentas” (n.º 98).

- “Deve-se exercer a devida prudência em relação aos riscos inevitáveis, que podem ser enfrentados com um apoio espiritual e psicológico adequado” (n.º 99).
- “É importante que os seminaristas cresçam nesse contexto, tendo em vista que o Seminário é uma escola de humanidade e de fé, para amadurecer na conformação a Cristo (...)” (n.º 99).
- “As redes sociais devem ser integradas na vida cotidiana da comunidade do seminário, com uma gestão vigilante, mas também serena e positiva” (n.º 100).
- “Esses espaços representam novas possibilidades de relações interpessoais, onde se vive e se interage” (n.º 100).

O que podemos acrescentar a isso? A visão missionária, conforme apresentada no Sínodo, com escuta e discernimento.

O tema é extenso, complexo e multifacetado, o que impede uma abordagem aprofundada neste trabalho. No entanto, podemos fazer uma rápida análise de alguns aspectos relacionados à formação dos futuros pastores na cultura digital.

Essas reflexões partem da experiência sinodal vivida com o Sínodo Digital, que envolveu três anos de trabalho com 2.500 influenciadores de todo o mundo, entre eles muitos sacerdotes, religiosos, religiosas, seminaristas, noviços, noviças e consagrados e consagradas. Na primeira fase, esses participantes realizaram uma escuta ativa nas redes sociais e coletaram 180.000 questionários. Essa experiência pode ser aprimorada e tem suas limi-

tações, mas nos proporciona uma primeira fotografia da realidade da Igreja universal.

Por isso, proponho seis pontos de reflexão para discussão. Os três primeiros funcionam como fundamentos que justificam a necessidade da formação na e para a cultura digital, enquanto os três últimos abordam as implicações práticas do que pode/deve ser feito e os aspectos a serem considerados. São eles:

Como fundamentos:

1. A missão na nova realidade: de instrumento a cultura.
2. A conversão missionária: uma Igreja em saída.
3. Digitalização da pastoral ou pastoral digital?

Como implicações:

4. ‘Samaritanear’ nos ambientes digitais.
5. Presença e virtualidade.
6. Formação para a liberdade e para o discernimento.

Esse esquema pretende nos ajudar a refletir sobre o ‘porquê’ e o ‘como’ o digital é essencial na formação dos seminaristas, visando compreender os riscos, desafios e oportunidades que ele traz para a vida e o ministério dos futuros pastores.

1. A missão na nova realidade: de instrumento a cultura

O documento final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos nos diz:

A difusão da cultura digital, particularmente evidente entre os jovens, está também a alterar profundamente a percepção do espaço e do tempo, influenciando as atividades quotidianas, as comunicações e as relações interpessoais, incluindo a fé. As possibilidades oferecidas pela rede reconfiguram relações, laços e fronteiras. (...) Esta realidade encontra-nos despreparados e exige que dediquemos recursos para que o ambiente digital seja um lugar profético de missão e de anúncio².

Este documento, assinado pelo Papa Francisco, dá continuidade ao desenvolvimento progressivo do Magistério sobre a visão que a Igreja tem da comunicação, iniciada com o *Inter Mirifica*, que apresentava uma perspectiva meramente instrumental. A Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus Vivit* (86) afirma: “já não se trata apenas de ‘usar’ instrumentos de comunicação, mas de viver numa cultura amplamente digitalizada” (CV 86). Ou seja, trata-se de descobrir e compreender as consequências de estar inserido em uma nova cultura, que é essencialmente diferente de apenas utilizar meios de comunicação. Ninguém evangeliza um garfo, mas evangeliza uma cultura.

A importância da cultura digital e, portanto, a urgência de anunciar o Evangelho nesse novo “ambiente”, não se dá apenas pelo fato de 68% da população mundial estar imersa nela, mas, fundamentalmente, pela transformação que ela provoca. Como afirma o Pontífice: “que tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos outros e do

mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros” (CV 86). É essencial assumir nossa cultura, pois, como dizia santo Ireneu de Lião: “o que não é assumido não é redimido”.

É crucial que a Igreja compreenda essa mudança e responda à realidade atual de maneira integral. Certamente, há desafios importantes e nem sempre positivos. Por isso, o Papa afirma: “não simplesmente uma época de mudanças, mas uma mudança de época”³, e, por isso, consciente do risco e da necessidade, ele insiste: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49).

Muitas vezes, a Igreja utiliza o ambiente digital apenas para promover atividades institucionais ou repetir ensinamentos, sem reconhecer-lo como um novo ‘espaço’ de evangelização. Além disso, há uma visão instrumental que reduz o digital a críticas e temores, considerando-o apenas um meio de entretenimento ou uma perda de tempo.

É necessário transformar as estruturas e as perspectivas eclesiais, passando de uma visão puramente tecnológica e instrumental da comunicação para uma abordagem baseada no *Kerigma*. Isso nos desafia a repensar as novas formas de relacionamento e os ambientes socioculturais nos quais somos chamados a proclamar e comunicar o Evangelho, em meio às transformações culturais e eclesiais que estamos vivenciando.

A comunicação não é apenas uma atividade da Igreja, mas faz parte da sua própria essência evangelizadora, encontrando seu fundamento no ato comunicativo do Deus Trino. Portanto, não se trata

apenas de publicar conteúdos nas redes sociais, mas de reconhecer que todos pertencemos à cultura digital e que os destinatários do anúncio já estão inseridos nela. A pregação inculturada precisa abranger a homilia, a catequese e todas as áreas da pastoral.

Por isso, é necessário deixar de ver o digital apenas como um instrumento e passar a concebê-lo como uma cultura a ser habitada, pois os instrumentos são utilizados, mas a cultura é evangelizada e missionada.

A cultura digital tem um idioma próprio, com códigos narrativos, simbólicos e experienciais que moldam a maneira como as pessoas, especialmente os nativos digitais, percebem e assimilam o Evangelho. Se a Igreja não aprender a integrar essas linguagens em sua comunicação, corremos o risco de que a mensagem, ainda que fielmente proclamada, se torne incompreensível ou irrelevante para as novas gerações.

Implicação na formação dos pastores

Se a realidade digital for vista apenas como um instrumento, a preocupação será apenas aprender a utilizá-la quando necessário. Como esses elementos seriam considerados “extrínsecos” à pessoa e à sua vida, sua aplicação se limitaria a uma abordagem disciplinada e instrumental.

Por outro lado, se o digital for compreendido a partir da visão do Magistério, que propõe uma perspectiva cultural, ele passará a fazer parte da vida das pessoas como um ambiente real. Nesse caso, os futuros pastores devem aprender a vivê-lo e a geri-lo, assim como fazem com outras realidades que integram a vida e as relações humanas.

Propostas concretas

- Formação em missiologia, com foco na importância e nos processos de inculturação da fé.
- Formação sobre culturas digitais, abordando não apenas a tecnologia e a técnica, mas também temas como filosofia, psicologia, sociologia, antropologia, teologia e áreas afins.
- Estudo e análise crítica dos documentos do Magistério sobre a missão e suas implicações nos ambientes digitais.
- Diálogo e aprofundamento com missionários digitais que já atuam ativamente na evangelização online.

2. A conversão missionária: uma Igreja em saída

A atenção constante da Igreja à cultura tem sua origem na Encarnação do Verbo, pois a Encarnação é o evento, a lei e o critério para a proclamação do Evangelho. Assim, a afirmação “o Verbo se fez carne” (*Jo* 1,14) torna-se uma dinâmica evangelizadora, que continuamente recorda e exige a Encarnação do Verbo na vida e na história. Isso significa que a Igreja, em todas as épocas e culturas, deve continuar a encarnar o Verbo para que Ele habite sempre entre nós.

Esse princípio da evangelização encontra sua chave dinâmica (como fazê-lo) no evento de Pentecostes, que integra o momento do envio missionário.

Antes da chegada do Espírito, os Apóstolos estavam reunidos, porém “trancados” e “com medo” (cf. *At* 2,3-7 e *Jo* 20,19-22). A vinda do Espírito Santo abriu o Cenáculo, permitindo que eles pregas-

sem e que a multidão, atraída pelo estrondo, ouvisse a mensagem do *Kerigma* e a entendesse em sua própria língua. Desse episódio, podemos extrair dois pontos fundamentais:

- Inicia-se a pregação.
- As pessoas compreendem em suas próprias línguas.

Pentecostes representa, assim, uma inovação única e permanente na história. O medo se contrapõe à coragem da pregação; o isolamento se opõe ao ato de sair; e o entendimento limitado ao grupo se transforma na capacidade de ser compreendido por muitos. Esse é o fenômeno da presença do Espírito: a Igreja prega e as pessoas entendem em sua própria língua. Não basta apenas pregar; é preciso que os destinatários da missão possam compreender. Ser compreendidos é um sinal da presença do Espírito. Abrir as portas, sair do isolamento, superar o medo, ter a coragem de anunciar o Senhor e ser compreendido são manifestações da presença do Espírito.

Se a realidade digital — assim como a comunicativa em geral — não for vista apenas como uma ferramenta, mas como uma cultura, então ela possui seus próprios idiomas, tempos, espaços, dinâmicas e narrativas. Por isso, precisamos nos fazer compreender ‘ali’, nesses lugares onde as pessoas estão, falando a sua linguagem, para que possam nos entender.

Isso implica uma nova missão, que exige sair para encontrar, aprender, descobrir e arriscar. E isso não é algo novo, mas faz parte da história permanente da Igreja, que desde o início é missionária. Se queremos entender o que é como “*missionar*”, como resolver a tensão entre prudência e risco, olhemos para os santos e mártires missionários de todas as épocas. Perguntemos a são

Francisco Xavier, Matteo Ricci e tantos outros missionários que foram às novas culturas e espaços levar o Evangelho. Isso não significou apenas aprender sobre tudo — agricultura, medicina, música, arquitetura... além do Evangelho —, mas também arriscar suas próprias vidas.

Essa é a Igreja missionária, a Igreja em saída, que abre os olhos da mente e do coração para ver quem e onde Jesus ainda não é conhecido, para levá-Lo no idioma de quem recebe o anúncio, para que seja compreendido.

Implicação na formação dos pastores

Se a dinâmica de Pentecostes implica ‘pregar e ser compreendido’, então a missão, que busca alcançar ‘todos, todos, todos’, deve ser uma realidade intrínseca no coração dos pastores. Por isso, eles devem ser formados desde o início com um coração missionário.

Para isso, é essencial uma formação adequada, com um espírito discípulo-missionário que permeie todo o programa de formação. É imprescindível que a formação abra o coração dos futuros pastores para a missão, incentivando-os a sair, buscar e descobrir. Ao mesmo tempo, essa formação deve cultivar a dinâmica do Espírito, que deseja que o Evangelho seja compreendido, chegando ao outro falando sua própria língua.

Porém, essa visão missionária precisa ser ensinada e cultivada explicitamente. Para que a evangelização não se limite a um conhecimento teológico acadêmico, é preciso desenvolver essa atitude discípulo-missionária nos futuros pastores e capacitá-los para compreender os novos modos de relacionamento da cultura

digital. Com humildade, eles devem habitar esses novos espaços e proclamar a Boa Nova de Jesus.

É essencial desenvolver a sensibilidade para enxergar as multidões que não conhecem Jesus e que necessitam Dele — muitas vezes sem saber disso — e despertar, formar e promover o espírito missionário.

Propostas concretas

- Formar a vocação missionária para despertar, formar e promover o espírito missionário.
- Aprofundar o estudo do *Kerigma* (anunciar e se fazer entender) e a inculturação em cada língua, tempo e povo.
- Refletir sobre pastorais inculturadas, atuais e inovadoras, com um compromisso missionário, para alcançar as periferias existenciais que também habitam os ambientes digitais.
- Ensinar a dinâmica sinodal da ‘escuta’, para que a Igreja possa responder e acompanhar as pessoas a partir da sua realidade.

3. Digitalização da pastoral ou pastoral digital?

Observando essas mudanças culturais, é natural que as ações pastorais da Igreja também sejam implementadas nos ambientes digitais, tanto para alcançar um maior número de pessoas quanto para chegar àquelas que, por algum motivo, não podem vivenciá-las presencialmente. Um exemplo claro disso foi o que

vivemos durante a pandemia de Covid-19, quando a participação digital permitiu a continuidade da Santa Missa, dos Rosários, da catequese, de palestras e de tantas outras atividades, graças à sua realização por meio do digital.

No entanto, embora a digitalização da pastoral – ou seja, transferir para o digital aquilo que já se faz presencialmente – seja importante e necessária, ela não é suficiente para evangelizar as novas culturas digitais.

Por isso, é essencial conceber a pastoral a partir de uma nova perspectiva, que permita tocar a cultura digital. Isso significa não apenas utilizar os instrumentos digitais, mas também pensar a pastoral com os idiomas, tempos e dinâmicas próprios das culturas digitais.

A pastoral digital, então, representa a ação da Igreja voltada para acompanhar, nos ambientes digitais, especialmente os jovens e aqueles afastados da fé, ajudando-os em seu descobrimento, seguimento e compromisso com Jesus. Dessa forma, podem transitar do ambiente digital para uma comunidade presencial.

A pastoral digital deve se concentrar, de maneira específica e fundamental, no ‘primeiro anúncio’, pois tem o potencial de alcançar as periferias existenciais onde Jesus ainda não é conhecido, ou onde, por diversos motivos, as pessoas não podem se aproximar das realidades presenciais. Dessa forma, com o ‘primeiro anúncio’, a busca pelos afastados, a ajuda aos que sofrem e àqueles que caíram, além da resposta às perguntas existenciais daqueles que ainda não se atrevem a se aproximar da Igreja, a pastoral digital encontra sua expressão e justificativa mais genuínas e originais.

A pastoral digital também envolve o apoio e a formação daqueles que evangelizam nos ambientes digitais. Muitos sacerdotes e religiosos sentem que sua missão digital não é valorizada por seus superiores e, às vezes, até desprezada como uma ‘perda de tempo’. É fundamental reconhecer a importância desse apostolado e oferecer acompanhamento pastoral e formativo àqueles que se dedicam a compartilhar o Evangelho nesses espaços.

A pastoral digital permite escutar, curar feridas e exercer a misericórdia, criando pontes com a realidade presencial, indo ao encontro dos que estão distantes, oferecendo tempo para a escuta e para a resposta, e tendo presença em espaços e momentos que, de outra forma, não seriam evangelizados. Ela permite superar barreiras como vergonha, medo e distância, além de muitos outros impedimentos que dificultam o primeiro contato com a fé.

Certamente, não pode ser uma atividade evangelizadora completa e exaustiva, pois a própria estrutura do ambiente digital é veloz e efêmera. Porém, seu valor como ‘primeiro anúncio’ e como meio de aproximação dos afastados é inegável, assim como sua capacidade de oferecer acompanhamento espiritual individualizado. Além disso, devido às próprias características do ambiente digital, é fundamental que a pastoral digital esteja integrada e coordenada com as estruturas presenciais. Somente assim será possível dar resposta, acompanhamento e ‘carne’ à vida de fé, transformando a experiência digital em um caminho concreto de encontro com Cristo e com a Igreja.

Implicação na formação dos pastores

A superação da ‘digitalização da pastoral’ para uma verdadeira ‘pastoral digital’ implica que, na formação dos seminaristas, o uso da cultura digital não se limite apenas aos benefícios práticos que ela oferece — bibliotecas, arquivos, pesquisas, traduções, facilitação da oração, entre outros —. É essencial que os seminaristas desenvolvam um pensamento e um sentimento pastoral, que os levem a transformar a mensagem do Evangelho em uma ‘linguagem missionária’.

Nesse sentido, a pastoral digital não pode ser vista apenas como uma transmissão de conteúdos de fé, mas deve aprender a viver e a se integrar aos novos modos de relacionamento da cultura digital, a fim de chegar ao coração e à mente das pessoas que a habitam.

Isso tem um impacto direto na própria cultura dos seminaristas, permitindo que eles possam dialogar com seus contemporâneos e compreender suas necessidades. É fundamental superar uma visão exclusivamente negativa e perigosa do digital, bem como evitar reduzi-lo a uma simples ferramenta pragmática.

O digital já faz parte da vida dos seminaristas. Negar ou subestimar essa realidade leva apenas a uma ocultação temporária. Se o digital for ‘anulado’, ele nem sequer poderá ser moldado pela Igreja. Por isso, é necessário abrir-se à criatividade, permitindo a criação de espaços de diálogo e encontro, chamando os seminaristas ao compromisso ativo e tornando-os protagonistas da redenção cultural.

Propostas concretas

- Refletir criticamente e analisar a distinção entre digitalizar a pastoral e realizar uma verdadeira pastoral digital, para a formulação de propostas diocesanas.
- Criar experiências e práticas pastorais específicas para a pastoral digital.
- Conhecer, entrar em contato e dialogar com iniciativas de pastoral digital já ativas em dioceses, paróquias e movimentos eclesiais.

4. ‘Samaritanear’ nos ambientes digitais

Caminhamos em uma Igreja sinodal, e, por isso, devemos também construir uma formação sinodal. Nesse sentido, o processo de escuta sinodal nos convida a descobrir a ‘carne sofredora de Cristo’, não apenas por meio do anúncio da mensagem, mas também através do compromisso pessoal. Isso significa ser bons samaritanos, ajudando a curar as feridas da história com o amor redentor de Jesus, inclusive nos ambientes digitais.

‘Habitar’ a cultura digital também significa buscar, ajudar e acompanhar quem precisa e sofre. A experiência do Sínodo revelou que o ambiente digital é um lugar privilegiado para encontrar a dor e ajudar aqueles que caíram pelo caminho. A presença digital não se limita à criação de conteúdo, mas exige um compromisso genuíno com o impacto da pregação nos corações, envolvendo-se verdadeiramente nesse processo.

Jesus nos convida a refletir sobre quem somos como próximos, abrindo-nos às feridas do outro. Ser um bom próximo nas redes sociais significa estar presente na história dos que sofrem e lutar por ambientes digitais que não desviem o foco de problemas concretos, como a pobreza e a solidão, mesmo quando essas realidades não são visíveis.

Isso requer intencionalidade na escuta, compaixão e a coragem de sair da zona de conforto para se aproximar dos feridos. Devemos promover o diálogo e construir comunidades inclusivas, reconhecendo os outros como irmãos e irmãs do outro lado da tela. Abrir-se à dor, ‘samaritanear’ as redes sociais, nos protege de cair em ‘sacristias virtuais’ e de uma evangelização autorreferencial.

O documento *Rumo à presença plena* destaca essa ideia ao afirmar:

Ser próximo nas redes sociais significa estar presente nas histórias dos outros, especialmente de quem sofre (...) as redes sociais podem ser um modo de chamar mais atenção para tais realidades e construir a solidariedade entre aqueles que estão próximos e distantes⁴.

Não se trata simplesmente de estar presente ou de produzir conteúdos para difundir na rede, mas de entrar na vida das pessoas, para ajudá-las em seu caminho, para levantá-las em suas quedas, para responder às suas perguntas existenciais, para dar razões para a esperança, para restabelecer pontes que, por diversos motivos, foram rompidas ao longo da vida. Isso é ‘samaritanear’, e esse chamado precisa ser descoberto e ensinado.

Implicação na formação dos pastores

Dentro dessa formação, não pode estar ausente o chamado do Evangelho para ser bons samaritanos. A formação para habitar a cultura digital, evangelizar nela e ‘missionar’ implica compreender que não basta produzir conteúdos (pregar), nem sequer se fazer entender, pois o Evangelho nos impõe uma tarefa que não nos permite permanecer alheios à história dos outros: é preciso comprometer-se com a dor das pessoas.

Isso deve ser vivido na cultura digital porque essa é a nossa cultura, que vai além da simples atividade nas redes, mas que nelas encontra sua própria expressão. Por isso, no ambiente digital, é essencial aprender, antes de tudo, a escutar e identificar como e onde se manifesta a dor e a necessidade. Depois, é necessário aprender como agir para ajudar quem precisa, tanto através de uma pedagogia de aproximação e acompanhamento, que conduza ao encontro presencial — por meio dos diferentes caminhos oferecidos pelos espaços digitais —, quanto pelo trabalho em equipe com as estruturas institucionais da Igreja, para que possam acolher e acompanhar a missão realizada nos âmbitos digitais.

Formar um coração samaritano digital também é uma oportunidade para viver a própria conversão e a plenitude espiritual do Evangelho. Como dizia São Paulo VI, “a Igreja é evangelizadora e evangelizada”. Assim, essa nova cultura digital se torna um lugar privilegiado para ouvir os outros e discernir a própria fé, onde o caminhar junto se expressa na construção de redes que humanizam e oferecem comunidade a tantos que habitam esses espaços em busca de novas amizades e relações.

Propostas concretas

- Valorizar a atitude de ‘tornar-se samaritano’ nos ambientes digitais, indo ao encontro dos mais afastados e dos que sofrem nesses espaços.
- Formar nas atitudes necessárias para esse encontro, seguindo o estilo do Bom Samaritano: sair para encontrar, escutar ativamente, aproximar-se, curar feridas.
- Incentivar a sinodalidade, ajudando os seminaristas a reconhecerem o valor de ‘caminhar juntos’ com aqueles que sofrem, como fez o Bom Samaritano.
- Ensinar a viver essa atitude de ‘tornar-se samaritano’, por meio de uma formação específica para os ambientes digitais.

5. Presença e virtualidade

Os espaços digitais oferecem oportunidades, mas também riscos, como a possibilidade de ficar preso à virtualidade, permitindo que se use o mundo digital como refúgio para escapar da realidade presencial, reduzindo o encontro face a face e suas responsabilidades. De fato, essa é uma das causas da agressividade que frequentemente se encontra nas redes, pois, ao não precisar ‘mostrar o rosto’, torna-se fácil dizer coisas sem limites, e, escondendo-se atrás de uma tela, não se assumem as consequências das próprias palavras.

Não utilizamos a oposição entre ‘realidade real’ e ‘realidade virtual’, como se fossem duas esferas distintas. A realidade é uma só. Não apenas transitamos do presencial ao virtual sem uma sepa-

ração clara, mas também tecemos nossa realidade combinando ambos os elementos. O documento *Rumo à presença plena* afirma:

Seja como for, agora nossa cultura é digital. Para superar a antiga dicotomia entre ‘digital’ e ‘face a face’, alguns já não falam de ‘online’ e ‘offline’, mas somente de ‘onlife’, incorporando a vida humana e social nas suas várias expressões, tanto em espaços digitais como físicos⁵.

Um primeiro tema importante neste contexto é a identidade sacerdotal desenvolvida nos seminaristas. Se queremos que os sacerdotes sejam fiéis e se identifiquem com Jesus Cristo, é necessário semear essa identidade durante o período de formação, cuidando também de sua presença nos espaços digitais. A rede não pode ser vivida como um ‘mundo à parte’, onde se pode assumir ‘outras identidades’. Isso exige um desenvolvimento espiritual e disciplinar, assim como acontece em outras áreas da vida.

Um segundo tema refere-se à consciência da missão de ‘ir até lá’, aos espaços, lugares e tempos em que se encontram aqueles que estão afastados e necessitados. No entanto, essa missão não significa permanecer nesses espaços, mas sim caminhar juntos rumo ao encontro com Jesus e com a comunidade. Daí vem a importância, dentro de um caminho pedagógico respeitoso, de convidar à participação em atividades presenciais, como ações comunitárias, solidárias, formativas, litúrgicas e sacramentais, onde possam ser compartilhadas experiências de vida, esperanças, dores e alegrias. Nesse ambiente, ‘a carne’ encontra sua expressão e significado. Ações que podem parecer triviais, como o humor e os momentos de lazer, assim como outras fundamentais para a vida, como a arte e a criação de espaços de diálogo, são essenciais para favore-

cer conexões significativas entre os membros da comunidade e sustentar-se mutuamente no caminho para o Pai.

Um terceiro tema — que no discurso comum gera confusão — diz respeito à compreensão e assimilação da cultura digital, frequentemente colocando a realidade física em oposição à virtual. Muitas vezes, insiste-se apenas no valor da “realidade real”, como se somente na presença física estivesse tudo o que é necessário. Isso é inegável, mas esquece-se que muitas pessoas se refugiam na virtualidade para escapar de situações presenciais difíceis, com pouca expressão no mundo concreto. Hoje, ninguém tem tempo: não há tempo para o diálogo, para um abraço, para compartilhar... Não é surpreendente, então, que as endorfinas sejam buscadas na internet. Além disso, muitos jovens se afastaram da participação presencial na Igreja devido à crise dos abusos e à falta de conexão dos pastores com sua realidade.

Não podemos ignorar que a pandemia acelerou uma mudança profunda na Igreja, favorecendo a realidade digital, que muitos jovens experimentam como um novo espaço de encontro autêntico, mais intercultural e dinâmico, onde podem ouvir e ser ouvidos. É um ambiente no qual se sentem reconhecidos como sujeitos ativos e protagonistas, que dialoga com seus idiomas, realidades e formas de relacionamento, e onde não são apenas destinatários passivos de uma mensagem. Tudo isso nos apresenta o desafio urgente de ir além da digitalização da pastoral, como promovida até agora, para construir uma verdadeira pastoral digital.

Por isso, antes de criar oposições perigosas, é necessário compreender melhor essa realidade e promover uma ‘cura da realidade’, de modo a enriquecer a presença física. Daqui derivam importantes consequências sobre a necessidade da vida afetiva e

litúrgica presencial. Há muito a ser enriquecido na realidade concreta antes de simplesmente opô-la ao mundo virtual.

Implicação na formação dos pastores

São vários os aspectos a serem considerados na formação dos seminaristas sobre a questão da presença e virtualidade. O primeiro aspecto diz respeito ao desenvolvimento do amor pela Eucaristia, pois isso define a dinâmica da Igreja, e, conseqüentemente, também da presença no digital. Esse amor orientará toda a pastoral para o encontro presencial com Jesus e com a Igreja.

O segundo aspecto envolve oferecer aos seminaristas espaços ricos em humanidade, que os ajudem a crescer e a desenvolver um equilíbrio saudável na relação com o digital. O seminário também deve ser um período para aprender a equilibrar a presença *offline* e *online*, permitindo que habitem o ambiente digital para ajudar cada homem e mulher a viver no mundo *offline*, buscando a dimensão do encontro como expressão da relação com Deus. A partir dessa riqueza humana oferecida, será possível avaliar comportamentos inadequados e tomar as decisões corretas.

O terceiro aspecto é respeitar a cultura dos jovens candidatos, que são nativos digitais e para os quais os ambientes digitais são seu habitat natural. Por isso, compreender a nossa realidade '*onlife*' significa respeitar sua identidade.

O quarto aspecto envolve promover criativamente a busca por aqueles que estão afastados, ensinando o que é a 'pedagogia divina' no ato de atrair todos para Deus, para que o 'excesso de clareza teológica e espiritual' — às vezes até fanatismos — não afaste as pessoas com violência.

Propostas concretas

- Reconhecer o valor do encontro na virtualidade, mas, sobretudo, saber encantar as pessoas para o encontro presencial, por exemplo, através da Eucaristia.
- Compreender as implicações da virtualidade, inclusive para aqueles que não a experimentam diretamente.
- Analisar criticamente os riscos da virtualidade, como autorreferencialidade, isolamento e disseminação de *fake news*, para acompanhar melhor os processos vividos nos ambientes digitais e guiá-los para uma presença real e comunitária.

6. Formação na liberdade e no discernimento

Um dos aspectos mais relevantes na formação dos futuros pastores é o desenvolvimento de uma verdadeira liberdade que permita exercer o ministério de maneira autêntica, responsável com o mundo interconectado, e em felicidade e santidade, através de dinâmicas e habilidades de discernimento pessoal e comunitário que fomentem o crescimento humano e da fé.

A liberdade na formação dos seminaristas implica que, além de adquirir conhecimentos teológicos e pastorais, devem aprender a discernir e gerir sua vida, também no que se refere à sua presença no âmbito digital. A cultura digital, que não se reduz às redes sociais, necessita de uma gestão que vai desde os aspectos intelectuais — pensemos no desafio da Inteligência Artificial na vida intelectual — até os afetivos e relacionais.

As redes sociais podem ser um meio eficaz para se comunicar e ‘missionar’, compartilhando a mensagem do Evangelho e fomentando a comunidade. No entanto, seu uso inadequado pode levar à superficialidade, ao isolamento e à perda da conexão com as comunidades, assim como a verdadeiros problemas morais e transtornos de personalidade.

Nesse sentido, além da importância da ética nos âmbitos digitais, é crucial também que os seminários fomentem espaços de reflexão crítica sobre o impacto da cultura digital na espiritualidade e na comunidade. Em um ambiente onde predominam a imediatez, a sobrecarga de informação e a multiplicação de *fake news*, poderia parecer que os seminaristas não deveriam ter contato com as redes sociais e o digital. Consideramos que isso representa um risco, pois assim se educa a partir da restrição e da proibição, e não a partir da responsabilidade para viver na liberdade e nos valores escolhidos. Também existe o risco de isolar o seminarista da realidade, afastando-o de sua própria cultura e ambiente.

Outro aspecto importante, frequentemente apontado a todos os que realizam a missão e evangelizam nos âmbitos digitais, refere-se ao narcisismo e à autorreferencialidade. Não há dúvida de que aqui, como em todos os âmbitos da vida, especialmente aqueles que se referem ao governo, à liderança, à informação, ao ensino, à pesquisa e muitos outros, não faltam casos de narcisismo e autorreferencialidade, muito ligados à objetividade dos dons e capacidades recebidos. Mas, se por um lado é necessário atuar no nível espiritual e psicológico, também é verdade que frequentemente encontramos julgamentos morais sobre a ação dos outros que ou partem das próprias condições psicológicas de quem julga — por não ter o brilho do outro... e estaríamos diante de um problema moral de quem julga... — ou simplesmente se julga a

partir de outra cultura, com outros parâmetros e modelos, o que impede a compreensão dos novos paradigmas e instrumentos.

Em qualquer caso, a formação na liberdade dos seminaristas na era digital deve ser integral e dinâmica. É vital que eles sejam capazes de estar no mundo digital com sabedoria e autenticidade, testemunhando a fé tanto online quanto em suas interações diárias.

Implicação na formação dos pastores

Não são *firewalls* ou controles ‘externos’ que ajudarão o sacerdote a amadurecer sua personalidade e disciplina. Ele exercerá seu ministério imerso na cultura em que vive, e precisará saber gerenciar seu tempo, seus espaços e suas relações. O tempo da formação deve colocá-lo diante da realidade, desafiando-o a administrar sua própria liberdade, com todos os sacrifícios que a fidelidade exige — para todos, não apenas para os consagrados. Isso significa aprender, inclusive através das quedas e recomeços, a desenvolver a prudência, aceitar ajuda, reconhecer a própria fraqueza e buscar apoio nos sacramentos e na comunidade.

O período de formação é uma oportunidade valiosa para cultivar hábitos positivos, que permitam agir na cultura digital sem ser dominado por ela. Colocar os seminaristas numa ‘redoma de vidro’, protegidos de tudo, apenas ensina compensação oculta, busca por caminhos alternativos e delegação de responsabilidades aos outros. É no acompanhamento e no discernimento que se formam homens preparados para enfrentar essa e qualquer outra cultura, que nunca foram fáceis. A formação da liberdade, baseada no amor, deve ensinar a fazer escolhas conscientes, a adotar a

disciplina necessária para amadurecer e agir coerentemente, sustentando essas decisões todos os dias.

Propostas concretas

- Ensinar a se apaixonar e a renovar continuamente o amor pela vocação sacerdotal, integrando esse processo em todas as etapas da formação, com ênfase na liberdade e no compromisso.
- Valorizar os processos de amadurecimento, aceitando luzes e sombras, avanços e retrocessos, quedas e recomeços.
- Reconhecer e acompanhar os processos de crescimento, para que os futuros sacerdotes aprendam também a acompanhar os outros.
- Responsabilidade.
- Formação permanente.
- Formação dos formadores.
- Cursos de comunicação e cultura, abordando não apenas a prática, mas também os fundamentos desses campos.
- Educar para a temperança e o discernimento, permitindo que os seminaristas harmonizem sua atividade online com seu projeto de vida, e até mesmo o potencializem em chave evangelizadora, sempre orientada para os outros.

Conclusão

Não há dúvida de que o Papa Francisco impulsionou a Igreja a uma vida missionária, para que ela saia de suas próprias sacristias e vá ao encontro do mundo, para onde Jesus nos enviou. No entanto, esse ‘ir’, esse ‘sair’ implica riscos, mas mesmo diante desses desafios, o Papa encorajou a Igreja a seguir adiante, sem medo.

Essa mesma característica deve marcar a formação dos seminaristas: um impulso missionário, que caracteriza uma Igreja apaixonada e fiel, uma missão que sai, que busca, que ‘misericórdia’ a história.

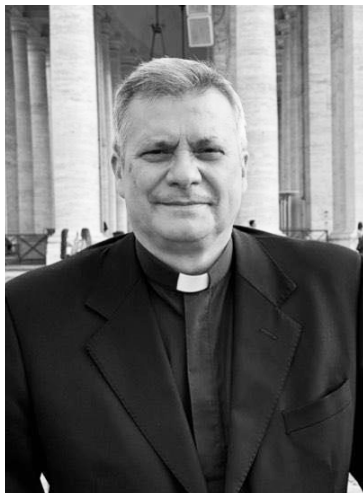
Concluo com uma citação do Papa Francisco, em um discurso aos Bispos do Peru:

Como é urgente esta visão para nós, pastores do século XXI, que — só para dar um exemplo — temos de aprender uma linguagem completamente nova, como é a digital! Conhecer a linguagem atual dos nossos jovens, das nossas famílias, das crianças... Como justamente viu são Toríbio, não é suficiente chegar a um lugar e ocupar um território, é necessário poder suscitar processos na vida das pessoas, para que a fé ganhe raízes e seja significativa. E, para isso, devemos falar a língua delas. É preciso chegar onde se geram os novos temas e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das nossas cidades e dos nossos povos. A evangelização da cultura requer que entremos no coração da própria cultura, para que esta seja iluminada a partir de dentro pelo Evangelho⁶.

Notas

- 1 _____ CONGREGACIÓN PARA EL CLERO. (2016). *O dom da vocação presbiteral. Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. Cidade do Vaticano: L'Osservatore Romano. <https://www.clerus.va/content/dam/clerus/documenti/ratio-2026/Ratio-PT-5-12-2016.pdf>.
- 2 _____ SECRETARÍA GERAL DO SÍNODO. (2024). XVI Assembleia Geral Ordinário do Sínodo dos Bispos (2-27 de outubro de 2024). *Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão. Documento final*, n.º 113.
- 3 _____ FRANCISCO. (2019). *Discurso do Santo Padre Francisco à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios*. Sala Clementina, sábado, 21 de dezembro de 2019.
- 4 _____ DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. (2023). *Rumo à presença plena. Reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*, n.º 43.
- 5 _____ *Op. cit.*, n.º 9.
- 6 _____ FRANCISCO. (2018). *Encontro com os Bispos, Viagem apostólica Chile e Peru*. Lima, 21 de janeiro de 2018.

Lucio Adrián Ruiz

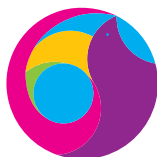


Presbítero argentino. É licenciado em Teologia Dogmática pela Universidade da Santa Cruz (Roma, Itália), possui MBA pela Universidade Politécnica de Madrid (Espanha) e é doutor em Engenharia Biomédica pela mesma universidade. Foi Secretário Executivo da Comissão Episcopal de Pastoral Universitária da Conferência Episcopal Argentina, onde também foi Assessor de Informática. Da mesma forma, atuou como Secretário Executivo

do Escritório de Sistemas do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e Coordenador Técnico da Rede Informática da Igreja na América Latina (RIIAL). Atualmente, é Secretário do Dicastério para a Comunicação da Santa Sé e professor na Universidade da Santa Cruz. Além disso, integra o grupo criado a partir do Sínodo sobre a Sinodalidade, para o estudo da “missão no ambiente digital”.

O Papa Francisco impulsionou a Igreja a “sair” e a não ter medo. Essa mesma característica deve marcar a formação dos seminaristas: um impulso missionário, que caracteriza uma Igreja apaixonada e fiel, uma missão que sai, que busca, que ‘misericórdia’ a história. O que podemos acrescentar a isso? A visão missionária, conforme apresentada no Sínodo, com escuta e discernimento.

A missão e a evangelização nos ambientes digitais remontam ao próprio início da era digital. É necessário deixar de ver o digital apenas como um instrumento e passar a concebê-lo como uma cultura a ser habitada, pois os instrumentos são utilizados, mas a cultura é evangelizada e missionada.



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

ISBN: 978-9915-9843-1-5



9 789915 984315